

# Avaliação da psicopatologia em crianças e adolescentes portugueses com a bateria ASEBA: resultados preliminares com amostra normativa

Pedro Dias<sup>1</sup>, Alexandra Carneiro<sup>1</sup>, Vânia Sousa Lima<sup>1</sup>, Bárbara César Machado<sup>1</sup>, Lurdes Veríssimo<sup>1</sup>, Maria Raul Xavier<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano | Faculdade de Educação e Psicologia | Universidade Católica Portuguesa

## Enquadramento teórico

São várias as dimensões que podem influenciar a expressão da psicopatologia nas crianças e nos adolescentes, não se resumindo esta expressão apenas à ausência ou presença de sintomatologia (Hudziak, Achenbach, Althoff, & Pine, 2007). Este facto conduz à necessidade que os técnicos de saúde mental sentem, cada vez mais, em terem instrumentos de avaliação psicológica que sejam eficazes na avaliação de problemas emocionais e de comportamento (Achenbach & Ruffle, 2000). Deste modo, reconhece-se a necessidade de validar provas de avaliação psicológica para populações específicas, uma vez que avaliações bem estruturadas, utilizando instrumentos adequados, permitirão intervenções promotoras de ganhos terapêuticos (Ivanova, 2001). A bateria ASEBA (Achenbach System Empirically Based Assessment) tem sido utilizada com frequência para avaliar a psicopatologia em crianças e em adolescentes, consistindo num conjunto de questionários a serem aplicados aos pais, aos professores e ao jovem a avaliar, a partir dos 11 anos de idade. A validade e fidelidade destes questionários tem sido demonstrada em diferentes sociedades (Janssens, & Deboutte, 2009).

## Objectivos

O projecto de investigação em curso tem como objectivo principal aferir para a população portuguesa o conjunto de provas de avaliação da psicopatologia em crianças e adolescentes que integram a bateria ASEBA (Achenbach, 2001). Apresentam-se neste poster resultados preliminares relativos à aplicação das provas da bateria ASEBA junto de crianças e adolescentes, que integram a amostra normativa da região Norte e Centro de Portugal.

## Metodologia

### Amostra

250 crianças/adolescentes da população geral, com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos (M=9.43; DP=2.75). 127 são do género masculino (50.8%), 126 são o 1º filho (54.8%) e apenas 22 já tiveram acompanhamento prévio (9%). 56,3% dos pais dos sujeitos pertencem a um NSE Baixo, bem como 47,1% das mães. Os dados foram recolhidos em escolas das regiões Norte e Centro de Portugal.

### Instrumentos

- Ficha Sócio-Demográfica;
- *Child Behavior Checklist* (CBCL; Achenbach, 2001; versão portuguesa de Gonçalves, Dias e Machado, 2007);
- *Teacher Report Form* (TRF; Achenbach, 2001; versão portuguesa de Gonçalves, Dias e Machado, 2007);
- *Youth Self Report* (YSR; Achenbach, 2001; versão portuguesa de Gonçalves, Dias e Machado, 2007).

## Resultados

### Consistência Interna

Os valores de  $\alpha$  de Cronbach são excelentes para a Externalização e *Score Total* da CBCL, da TRF e da YSR. Quanto às escalas de Internalização os valores de  $\alpha$  são extensos para todas as provas.

### Diferenças de género e idade

Existem apenas diferenças de género na escala de Internalização da YSR, sendo os sujeitos do sexo feminino que pontuam de forma mais elevada do que os sujeitos do sexo masculino.

		$\alpha$ de Cronbach
CBCL	Internalização	.82
	Externalização	.86
	Score Total	.94
TRF	Internalização	.78
	Externalização	.93
	Score Total	.95
YSR	Internalização	.84
	Externalização	.86
	Score Total	.93

	Variável explicativa	N	Média	D.P.	t	p
Género	Internalização – YSR					
	Masculino	37	95.32	6.45	-2.27	.026
Feminino	38	13.21	8.24			

## Discussão e Conclusões

- À semelhança do que tem vindo a acontecer noutros estudos, as escalas de Internalização, de Externalização e *Score Total* mostram ser robustos do ponto de vista psicométrico, nomeadamente ao nível da consistência interna (Rescorla, Achenbach, Ivanova, Dumenci, Almqvist, Bilenberg, Bird, *et al.* 2007).

- A pontuação mais elevada na escala de Internalização por parte dos sujeitos do sexo feminino, do que os do sexo masculino, está congruente com o que tem vindo a ser aferido em outros estudos (Rescorla, Achenbach, Ivanova, Dumenci, Almqvist, Bilenberg, Bird, *et al.*, 2007). É de realçar que tal poderá não ser mencionado pelos pais e pelos professores tendo em conta que este tipo de sintomatologia não é directamente observável, o que conduz a uma menor sinalização deste tipo de problemas (Richardson, Caldarella, Young, Young, & Young, 2009).

- Estudos posteriores, recorrendo à totalidade da amostra normativa (N previsto = 2544) permitirão realizar novas análises psicométricas, incluindo análises factoriais confirmatórias e análises de consistência interna às síndromes da bateria ASEBA, bem como o estabelecimento de normas para utilização das provas junto da população portuguesa.